
NEOFORMAÇÕES NA PERSPECTIVA DA TEORIA DA ATIVIDADE

NEOFORMATIONS WITH THE PERSPECTIVE OF THE ACTIVITY THEORY

LAS NEOFORMACIONES DESDE LA PERSPECTIVA DE LA TEORÍA DE LA ACTIVIDAD

Adriana Fatima Canova Motter¹

Marli Dallagnol Frison²

Resumo: Abordamos, neste artigo, o conceito de neoformações desenvolvido pelo psicólogo soviético Alexis N. Leontiev. Seu significado circunscreve estudos psicológicos de constituição do psiquismo que tomam como referência o desenvolvimento humano enquanto indivíduo (ontogênese). Fundamentos histórico-culturais orientam para a compreensão da constituição psíquica a partir da atividade produtiva. Pela atividade, o homem desenvolve um conjunto de funções, habilidades e aptidões – as neoformações – que são objetivadas nos produtos elaborados socialmente e apropriadas a cada nova geração. Neste contexto, pensar a escola enquanto espaço para o desenvolvimento das neoformações em afinidade à pedagogia histórico-crítica.

Palavras-chave: Objetivação. Apropriação. Educação escolar.

Resumen: En este trabajo, se abordará el concepto de neoformaciones, desarrollado por el psicólogo soviético Alexis N. Leontiev. Su significado circunscribe estudios psicológicos de la constitución del psiquismo que tienen como referencia el desarrollo humano mientras individuo (ontogénesis). Fundamentos histórico-culturales llevan a una comprensión de la constitución psíquica proveniente de la actividad productiva. Al hacer una actividad, el hombre desarrolla un conjunto de funciones, habilidades y aptitudes – las neoformaciones – que son concretadas en los productos elaborados socialmente y adecuadas a cada generación nueva. En este contexto, se busca pensar en la escuela como un espacio para el desarrollo de las neoformaciones con conexión a la pedagogía histórico-crítica.

Palabras clave: Concreción. Adecuación. Educación escolar.

Abstract: In this work, we approach the concept of neoformation, which was developed by soviet psychologist Alexis N. Leontiev. Its meaning circumscribes psychological studies on the construction of psychism which have the human being while individual (ontogeny) as reference. Historical and cultural foundations lead to the comprehension of the psychic constitution from productive activity. It is through activity that the man develops a set of functions, skills and aptitudes — the neoformations — which are concretized as products that are socially elaborated and appropriate to each new generation. In that context, we seek to think of the school as a space for neoformation development with a connection to historical-critical pedagogy.

Keywords: Concretization. Appropriation. School education.

Introdução

A interação do homem com o meio em transformação tanto para um quanto para o outro, é objeto de estudo da psicologia soviética histórico-cultural. Neste contexto, o homem, enquanto espécie, apresenta, de um lado, propriedades e características comuns e, de outro, individuais. Ignorar este

processo foi, para Leontiev (1978), um problema da psicologia tradicional. Sob a perspectiva histórico-cultural é necessário distinguir e aproximar, no desenvolvimento humano, a evolução enquanto espécie de homem – filogênese – e a da constituição individual – ontogênese; dimensões que garantem diferenças entre o homem e os animais e que constituem identidade única, essencialmente humana.

Enquanto espécie, tanto nos animais quanto no homem, propriedades e características são transmitidas entre as gerações por hereditariedade, reproduzindo-se nos indivíduos – fundamento filogenético que garante a continuidade. Nas palavras de Leontiev (1978, p. 159), “a natureza do indivíduo é determinada pela sua presença à espécie e é reflexo do estado atingido nesta época pela evolução filogenética”. Assim sendo, em acordo com o mesmo autor, estudar o homem somente pela dimensão de espécie natural é um problema que reside em limitações, por comprometer a compreensão das propriedades e a natureza específica do indivíduo e da formação de seu psiquismo.

As transformações que o indivíduo sofre sob influência do meio, bem como a manifestação destas influências, constituem a individualidade humana – fundamento ontogenético do desenvolvimento. No estudo da dimensão ontogenética o problema está em compreender e explicar as particularidades específicas do homem e o seu psiquismo, sem perder de vista a relação social e a ligação da geração atual com as anteriores, bem como a experiência cultural. Ao tratar do processo de desenvolvimento humano, Leontiev (1978, p. 166) enfatiza que

[...] no decurso do seu desenvolvimento ontogenético o homem entra em relações particulares, específicas, com o mundo que o cerca, mundo feito de objetos e de fenômenos criados pelas gerações humanas anteriores. Esta especificidade é antes de tudo determinada pela natureza destes objetos e fenômenos. Por outro lado, é determinada pelas condições em que se instauram as relações em questão.

Neste sentido, sob princípios de desenvolvimento ontogenético, o homem expressa na sua individualidade características, propriedades, faculdades e aptidões da sua espécie acumuladas e transmitidas ao longo do processo sociocultural e histórico-social, além das características biológicas que se manifestam no contexto filogenético. A transmissão da experiência acumulada entre as gerações somente é possível pelo desenvolvimento da **atividade produtiva humana**, diferentemente dos animais.

Sob a perspectiva histórico-cultural, tanto homens quanto animais interagem com o meio e entre os indivíduos da sua espécie pela atividade. O que difere o homem dos animais, entretanto, é a atividade produtiva e criadora que ele desenvolve; atividade essa denominada de trabalho. Pelo trabalho, material e intelectual, o homem transforma-se a si mesmo e o meio. O mundo real em que se insere cada nova geração é um mundo criado e transformado pela atividade humana. Esse mundo não é dado imediatamente ao indivíduo ao nascer. Este precisa apropriar-se dos objetos e fenômenos sociais para viver numa realidade já construída – aí reside, para a psicologia soviética, outro problema a se resolver.

Por este viés teórico, entendemos que durante todo o processo de trabalho (atividade produtiva) o homem mobiliza e faz intervir um conjunto de faculdades essencialmente humanas, como: funções psicomotoras da mão, linguagem, ouvido tonal, estética, entre outras, as quais, de um lado, se objetivam nos produtos e instrumentos e, de outro, são apropriadas pelos indivíduos, num processo ativo. Nos produtos da atividade imprime-se experiência, conhecimento, habilidades e aptidões. Pensarmos sobre

aptidões formadas pelos princípios da ontogênese e possibilitadas pela atividade produtiva e criadora na relação entre homem e o meio em processo de transformação mútua, é o objetivo desta escrita.

Para tal, num primeiro momento, abordamos aquilo que é essencialmente humano no que diz respeito a funções, habilidades e faculdades mentais. Posteriormente, apresentamos e discutimos aspectos relacionados ao papel da educação escolar no desenvolvimento das neoformações, sob a perspectiva da pedagogia histórico-crítica. Para o desenvolvimento deste estudo usamos como referência básica o livro “O Desenvolvimento do Psiquismo Humano” (1978), de Alexis Nikolaevich Leontiev.

O que é essencialmente humano?

Como já anunciado, no processo de desenvolvimento ontogenético o homem se apropria dos objetos (materiais e imateriais) e fenômenos, nos quais são objetivadas, pelo processo da atividade produtiva socialmente elaborada, aptidões essencialmente humanas. É na objetivação e na apropriação que as aptidões adquirem forma material objetiva. Por objetivação entendemos o processo pelo qual a atividade física ou intelectual do sujeito transfere-se para os produtos dessa atividade, ou seja, é o processo de produção e reprodução da vida em sociedade (DUARTE, 2013). Este processo é ausente nos animais, para os quais a atividade compreende atos de adaptação ao meio, “mas nunca atos de apropriação das aquisições do desenvolvimento filogenético”. Sobre esse aspecto, Leontiev (1978, p. 166, destaque do autor) entende que

a diferença fundamental entre os processos de adaptação em sentido próprio e os de apropriação reside no fato de o processo de adaptação biológica *transformar* as propriedades e faculdades específicas do organismo bem como o seu comportamento de espécie. O processo de assimilação ou de apropriação é diferente: o seu resultado é a *reprodução*, pelo indivíduo, das aptidões e funções humanas, historicamente formadas.

Diante do exposto, é importante frisar que, sob o olhar de Leontiev (1978), a *transformação* está atrelada às mudanças das características comuns das espécies físicas e comportamentais (filogênese), como condição necessária à adaptação ao meio, ou seja, a espécie transforma-se de acordo com o meio em que vive para se adaptar ao mesmo. Neste contexto, nos animais não ocorrem transformações individuais, tampouco em comportamento, características, aptidões, funções e habilidades. Já a *reprodução* está atrelada à constituição da individualidade (ontogênese) na espécie, resultado da capacidade humana de assimilar e apropriar o mundo objetivo já elaborado historicamente, reproduzindo-o. Tanto na dimensão filogenética (transformação da espécie) quanto na ontogenética (produção da individualidade), ocorrem processos ativos, movidos pela atividade produtiva. De uma forma ou de outra, transformação e reprodução complementam-se, se relacionam e são interdependentes.

A reprodução, sob perspectiva histórico-cultural, é característica essencialmente humana. Para Leontiev (1978), é decorrente da objetivação, assimilação e apropriação dos produtos resultantes da atividade produtiva, nos quais empregam aptidões e funções que possibilitam a transformação do meio em

que o homem vive e vice-versa. Esta dimensão psíquica humana é denominada **neoformação**, definida como

[...] as aptidões e funções formadas no homem no decurso deste processo [reprodução] [...] às quais os mecanismos e os processos hereditários, inatos, não passam de condições interiores (subjetivas) necessárias que tornam o seu aparecimentos possível [...] (LEONTIEV, 1978, p. 169).

Como defende Leontiev (1978), os mecanismos biológicos, transformados pela hereditariedade, são condições e fundamentos para a formação e reprodução de aptidões e funções humanas. Estas, marcam e constituem o desenvolvimento individual na espécie. A essência, os fundamentos e os princípios que circunscrevem o conceito de neoformações, estiveram presentes em estudos de outros psicólogos soviéticos, como em Vigotski, por exemplo, o qual os denominou de **funções mentais superiores**.

Na sua obra “O desenvolvimento do psiquismo humano” (1978), a expressão neoformações aparece três vezes. Esta constatação indica que, para a compreensão do conceito, é preciso se apropriar dos elementos que a ele estão relacionados e vinculados, como aptidões, funções mentais, sistemas cerebrais, faculdades humanas, órgãos funcionais – dimensões e categorias do psiquismo humano fundamentais para pensar a educação, de modo especial a escolar. Para desenvolver aptidões o indivíduo deve viver e interagir com a espécie. Leontiev (1978) mostra que, caso algum indivíduo viva isolado, sem contato com o mundo objetivo humano, não terá condições de desenvolver o pensamento lógico, a linguagem e nem o ouvido verbal, mesmo encontrando situações que exigem para a sua adaptação a formação destas aptidões.

Os estudos de Leontiev afirmam que as aptidões e funções especificamente humanas – neoformações por ele denominadas – não se fixam morfológicamente, mas, sim, se “formam no processo de apropriação pelo indivíduo do mundo dos objetos e fenômenos humanos e que o seu substrato material é constituído por sistemas de reflexos estáveis formados pela vida” (LEONTIEV, 1978, p. 255). Dito em outras palavras, as neoformações constituem-se a partir de relações externas que são internalizadas. Pela atividade produtiva, aptidões e conhecimentos objetivam-se nos produtos em constante processo de aperfeiçoamento e ampliação do grau de complexidade desenvolvido no decurso histórico; basta pensar na complexificação da fonética das línguas, na articulação de sons e do ouvido verbal, nos progressos das obras de arte, no desenvolvimento do pensamento lógico e abstrato, na aquisição do saber e na evolução tecnológica e científica da atualidade.

As aptidões humanas já tinham sido abordadas por Marx (1844 apud Leontiev, 1978, p. 268) como “forças essenciais do homem”. Escreveu Marx que

[...] todas as suas relações *humanas* com o mundo, a visão, a audição, o olfato, o gosto, o tacto, o pensamento, a contemplação, o sentimento, a vontade, a atividade, o amor, em resumo, todos os órgãos da sua individualidade que, na sua forma, são imediatamente órgãos sociais, são no seu comportamento *objetivo* ou na sua *relação* com o *objeto* a apropriação deste, a apropriação da realidade *humana* (1844 apud Leontiev, 1978, p. 267, destaque do autor).

Na concepção marxiana, as “forças essenciais do homem” ocorrem na relação do indivíduo com o social e com o mundo circundante. Assim sendo, os órgãos da individualidade são imediatamente órgãos sociais por constituírem-se no meio para a apropriação da realidade humana. A relação e a interação do homem com o meio e com os outros é um processo ativo de apropriação de instrumentos (produtos do desenvolvimento histórico vinculados à atividade produtiva). O instrumento (produto da cultura material) “encarna, cristaliza, acumula, fixa” (expressões usadas por Leontiev) experiências, conhecimentos, significados, operações, aptidões e faculdades humanas. Nesta perspectiva, o instrumento é um objeto social, diferente dos instrumentos dos animais, como destacou Leontiev (1978):

Sabe-se, por exemplo, que o símio aprende a servir-se de um pau para puxar um fruto para si. Mas estas operações não se fixam nos “instrumentos” dos animais e estes “instrumentos” não se tornam o suporte permanente para estas operações. Logo que o pau tenha desempenhado a sua função às mãos do símio, torna-se um objeto indiferente para ele. É por isso que os animais não guardam os seus “instrumentos” e não os transmitem de geração em geração (p. 269, destaque do autor).

Já a mão humana integra-se ao processo histórico-social e reestrutura os movimentos instintivos com a apropriação de diferentes instrumentos, formando faculdades motoras superiores. Ao apropriar-se de um instrumento, o homem se apodera das operações motoras que nele estão incorporadas. É um “processo de formação ativa de aptidões novas, de funções superiores, “psicomotoras”, que “hominizam” a sua esfera motriz” (LEONTIEV, 1978); basta lembrar da reestruturação e da complexificação das aptidões da mão desde o desenvolvimento da pintura rupestre, passando pela escrita pictográfica, escrita no pergaminho, imprensa de Gutenberg, escrita à mão no papel, máquina de escrever, computador, livro digital, até o uso do celular de touch.

Cada indivíduo, ao nascer, vai se apropriando do mundo objetivo, (re)significando, (re)elaborando, produzindo sentidos, enfim, formando seu psíquico a partir daquilo que já foi construído. Trata-se, portanto, de condições concretas e materiais de formação do psiquismo e não de intencionalidades, subjetividades ou meramente atividades da consciência. Neste contexto, o cérebro, enquanto órgão biológico, não encerra (aloja) as aptidões, mas constitui-se numa aptidão para a formação de outras. As funções e aptidões desenvolvidas historicamente no contexto social não se fixam no cérebro e não são transmitidas por hereditariedade; elas são formadas no decurso do desenvolvimento ontogenético.

Na concepção de Leontiev (1978, p. 271, destaque do autor), os órgãos fisiológicos do cérebro “funcionam da mesma maneira que os órgãos habituais, de morfologia constante, mas distinguem-se por serem *neoformações* que aparecessem no decurso do desenvolvimento individual (ontogenético)”. A hominização do cérebro se deve ao fato de que os 15 bilhões de células nervosas do córtex cerebral se tornaram mais aprimoradas nos animais superiores, constituindo-se num órgão capaz de formar órgãos funcionais. Sobre os sistemas funcionais cerebrais, Leontiev (1978, p. 325) afirma que “encontrávamos já esta capacidade de formação de sistemas cerebrais funcionais nos animais superiores. Mas só no homem

se tornam verdadeiras neoformações do seu desenvolvimento psíquico, tornando-se a sua formação o princípio do processo ontogenético”.

É importante destacar aquilo que o autor retoma em vários momentos de sua obra: as condições biológicas e morfológicas da espécie são condições e fundamentos para o desenvolvimento das aptidões humanas. Estas, entretanto, são possibilitadas e elaboradas pela atividade produtiva desenvolvida socialmente e que imprime (cristaliza-se) formas objetivas nos produtos, processos e relações, as quais são apropriadas. As funções e faculdades psíquicas encarnadas no mundo objetivo acumulam-se de geração em geração, sendo transmitidas e reproduzidas sempre para as novas. Isto é essencialmente humano.

Contribuições da educação escolar para as neoformações

Em consonância com princípios histórico-culturais, defendemos, como também o faz Saviani (2015), que a constituição do psiquismo humano e, conseqüentemente, de sua individualidade, não é uma dádiva natural. O humano se produz no homem pelo trabalho. Assim sendo, a constituição humana demanda aprendizagem, a qual se desenvolve por processos educativos. Então, educação e constituição humana coincidem desde a origem do homem.

Neste contexto, entendemos que a criança (nova geração) se constitui humana pela apropriação dos objetos e fenômenos criados historicamente, pois, nesse processo, desenvolve aptidões e forma a sua individualidade pela interação com o mundo circundante, intermediado pelo adulto. “É pela *mediação* do adulto que [...] a criança se apropria das forças essenciais humanas objetivadas pela humanidade tornando-se, assim, um ser revestido das características humanas incorporadas à sociedade na qual ela nasceu” (SAVIANI, 2015, p. 34, destaque do autor). Assim, para tornar-se atual no contexto em que vive, a criança deve paulatinamente se apropriar do conjunto de objetivações elaboradas culturalmente. Pela apropriação, a criança aprende e se educa (LEONTIEV, 1978). A educação vai se complexificando com a vida adulta. Nas primeiras fases da criança, a relação com os objetos do mundo concreto acontece de forma direta, “depois complica-se e especializa-se, tornando formas tais como o ensino e a educação *escolares*, diferentes formas de formação superior a até a formação autodidata” (LEONTIEV, 1978, p. 272, destaque do autor).

A educação da criança, intermediada pelo adulto, situa-se, para Leontiev, em níveis elevados da constituição do psiquismo humano, em formas mais complexas e especializadas do desenvolvimento de aptidões e funções mentais, elevando o homem ao desenvolvimento pleno daquilo que é essencialmente humano. Neste sentido, a partir de concepções da linha teórica histórico-cultural, destacamos o importante papel do adulto no processo de constituição do psiquismo humano, enquanto portador da mediação entre a criança e o mundo que lhe é apresentado ao nascer. Situa-se, neste contexto, o papel do professor, o qual intermedia, pela palavra, conhecimento e conceitos na formação de funções e aptidões mentais.

O pensamento de Leontiev (1978) evidencia a necessidade de concomitância entre o progresso das instituições de ensino, dos programas de estudo e dos métodos pedagógicos com o desenvolvimento

da humanidade, ou seja, deverá ser função da escola tornar o homem atual, mais plenamente desenvolvido no tempo em que vive. A cada nova geração, quanto mais se progride no que se refere às aptidões e funções especificamente humanas, mais rica será a prática social e histórica acumulada. Nesse contexto, mais complexo se tornará o processo educacional, pois para cada nova geração estarão disponibilizados instrumentos mais aprimorados, os quais deverão ser apropriados. De forma intrínseca, mais complexas serão as funções e faculdades empregadas na elaboração dos mesmos. Com base nas ideias desse autor, entendemos que a riqueza da espécie não estará tão somente na diferenciação da cor de pele e do cabelo, nas formas dos olhos ou em outros traços exteriores, mas, sim, nas “enormes diferenças das condições e modos de vida, da riqueza da atividade material e mental, do nível de desenvolvimento das formas e aptidões superiores” (LEONTIEV, 1978, p. 274), que se tornarão mais elaboradas e complexificadas a cada nova geração.

Na atualidade, a desigualdade social e os problemas de degradação e destruição do planeta, decorrem de aptidões humanas terem sido orientadas e desenvolvidas por princípios capitalistas e econômicos, em detrimento do bem coletivo e da natureza. O problema não está no âmbito das aptidões (ou inaptidões), mas no caminho trilhado pela humanidade. É pelas mesmas condições humanas que residem as possibilidades de mudanças; mudanças a serem pensadas pelo viés da educação escolar, considerando que a escola é o espaço institucionalizado profícuo para o desenvolvimento de neoformações.

Perspectiva histórico-crítica: possibilidade pedagógica

Constituição humana e educação são indissociáveis. No campo institucional, sistemático e não espontâneo, a escola constitui-se “na forma principal e dominante de educação” (SAVIANI, 2015, p. 35), com função eminentemente pedagógica. Para cumprir seu papel no desenvolvimento e constituição psíquica humana, é importante que a escola seja orientada por concepções pedagógicas alicerçadas em pressupostos histórico-culturais. Assim, poderá assumir o compromisso de transformação da sociedade, produzindo “ativa e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2009, p. 111), visando o bem comum da humanidade.

Nesta perspectiva, entendemos que a escola deva assumir a orientação pedagógica histórico-crítica, conforme Saviani (2009, 2013, 2015), Duarte (1998, 2013) e Martins (2013, 2015). Estes, entre outros pensadores da educação no Brasil, balizam o ensino, promovido pela educação escolar, sistematizado e orientado pela transmissão dos conceitos científicos, como condição para o desenvolvimento do psiquismo humano, possibilitando a formação de neoformações.

Pelos fundamentos da pedagogia histórico-crítica, a educação escolar é entendida como atividade mediadora da prática social. Parafraseando Saviani (2015), a prática social constitui-se no fundamento e na finalidade da prática educativa, ou seja, o ponto de partida e o ponto de chegada. A mediação possibilitada pela prática educativa, contudo, deverá provocar mudanças na prática social –

movimento sincrético à análise e síntese da realidade. Uma orientação pedagógica que permita a prática social como fundamento e finalidade para a prática educativa, possibilitará tornar o homem atual na sociedade em que vive. Ser atual, nessa linha teórica, corresponde a compreender e apropriar-se das objetivações humanas com profundidade, visando à transformação e emancipação humana na constituição do seu psiquismo e individualidade.

Duarte (1998, p. 1) corrobora com essa ideia e postula “a necessidade de uma concepção afirmativa sobre o ato de ensinar [...]” pelo trabalho educativo do professor. Neste intuito, cabe ao professor, no desenvolvimento do seu trabalho educativo, produzir as condições necessárias para a produção do singular nos indivíduos, possibilitando-os a apropriação da produção material e não material da humanidade, elaborada histórica e culturalmente. Diante deste compromisso, a afirmação no ato de ensinar corresponde ao desafio enfrentado pelo professor em “identificar os elementos culturais necessários à humanização dos indivíduos” (DUARTE, 1998, p. 2); situação que circunscreve a tarefa do professor em definir e selecionar conteúdos e conceitos científicos, com os quais, por meio de procedimentos metodológicos desenvolvidos pelo ato de ensinar, o aluno possa se apropriar de significados culturais e objetivações produzidas historicamente e consiga produzir sentido ante o contexto social em que vive. Assim, o professor, pelo trabalho educativo, deve se posicionar perante aquilo que considera as conquistas mais significativas e duradouras da humanidade, e o aluno, apropriando-se do conhecimento, se posicione e faça críticas quanto às condições concretas em que vive na atualidade.

Na mesma direção, Martins (2013) aborda que o trabalho educativo do professor, na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, deve ter como objeto e objetivo os conhecimentos historicamente produzidos, desenvolvendo nos indivíduos capacidades humanas complexas. A autora defende “o direito de que todos os indivíduos desenvolvam as funções psíquicas superiores expressas nos comportamentos complexos que a humanidade já consolidou” (MARTINS, 2013, p. 135) pela educação escolar. Um dos grandes desafios da educação escolar contemporânea é fazer com que a aprendizagem dos conceitos tenha sentido para o aluno. Diante disto, o trabalho educativo do professor exerce função primordial. A organização do mesmo pode possibilitar (ou comprometer) a relação entre significação social e sentido pessoal, isto é, se não for bem planejado, organizado e embasado teoricamente, o trabalho educativo pode fragilizar o processo de significação e sentidos pessoais na aprendizagem da educação escolar. Neste contexto, quando o professor não se apropria com significado do conhecimento que ensina, a aprendizagem dos conceitos pode ocorrer sem sentido para o aluno, não resultando em aprendizagens reais. Se assim for, a função da educação escolar, no que se refere à constituição do psiquismo, pode comprometer a formação das funções psíquicas superiores – as neofomações (LEONTIEV, 1978).

Nesta perspectiva pedagógica, de acordo com Duarte (1998), o trabalho educativo é uma produção direta e intencional guiado pelo compromisso da constituição psíquica dos indivíduos no que diz respeito à formação de funções mentais superiores, diferente das formas espontâneas de educação. Martins (2013) caminha na mesma direção, quando defende que a educação escolar deve ter o compromisso da transmissão de conceitos científicos elaborados e sistematizados historicamente, criando pensamentos complexos. Assim, para Martins (2013), a escola cumprirá seu papel na humanização dos

indivíduos, superando as funções psíquicas elementares na direção de funções mentais superiores, o que é essencialmente humano.

Caso a organização do trabalho educativo do professor não estiver comprometida com a formação das funções mentais superiores, se os conceitos científicos a serem ensinados e aprendidos não mobilizarem significados e sentidos, a educação escolar pode fracassar, tanto para o professor quanto para o aluno, no que se refere à contribuição da mesma na formação do psiquismo humano.

Últimas palavras neste momento

A educação é uma produção tipicamente humana desde a origem do homem, transformada historicamente. O homem é produto da educação e a educação produz o homem. Em cada tempo presente, a educação se manifesta com características históricas e desenvolve e produz os homens singulares, transformando-os.

Como destacamos, de acordo com os princípios histórico-culturais, o homem não nasce homem, mas se forma homem. Todas as gerações, em suas épocas, necessitam apropriar-se do conjunto de construções desenvolvidas historicamente pela humanidade para se constituir enquanto tal. As gerações do tempo presente não são isoladas ou desarticuladas de suas precedentes, bem como não serão das posteriores. A apropriação das objetivações humanas construídas, elaboradas e sistematizadas historicamente, ocorre por processos formais e sistemáticos de aquisição, e a escola é a principal e dominante forma de educação.

Perante o nobre compromisso de humanização, entretanto, a educação escolar deve ser orientada por princípios e fundamentos apropriados a sua missão. Neste campo, teoria histórico-cultural e pedagogia histórico-crítica são filiadas. A primeira dá fundamento psicológico à segunda; a segunda dá condições pedagógicas para atingir os preceitos da primeira; ambas, fundamentadas no método materialista histórico-dialético, compreendem a constituição humana por processos educativos.

Referências

DUARTE, N. Concepções afirmativas e negativas no ato de ensinar. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 19, n. 44, abr. 1998.

_____. A relação entre objetivação e apropriação. In: DUARTE, N. **A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo humano**. Lisboa, Portugal: Livros Horizonte, 1978.

MARTINS, L. M. Os fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica e os fundamentos pedagógicos da psicologia histórico-cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 130-143, dez. 2013.

_____. A internalização de signos como intermediação entre a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 44-57, jun. 2015.

SAVIANI, D. Modo de produção e a pedagogia histórico-crítica. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**. Londrina, v. 1, n. 1, p. 110-116, jun. 2009.

_____. A pedagogia histórico-crítica, as lutas de classe e a educação escolar. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 25-46, dez. 2013.

_____. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n.1, p. 26-43, jun. 2015.

Notas:

¹ Professora da Educação Básica e da Sociedade Educacional de Três de Maio - SETREM, licenciatura em Pedagogia. Mestre em Geografia. Doutoranda em Educação nas Ciências na Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul. Email: adrianafcmotter@gmail.com

² Professora. Doutora em Educação do Departamento de Ciências da Vida e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da Unijuí. Pós-doutoranda do Programa de Pós-Doutorado da Unesp. Bolsista Capes. Email: marlif@unijui.edu.br

Recebido em: 23/11/2017

Aceito em: 23/02/2018